

PSICANÁLISE, TRABALHO E CONTEMPORANEIDADE: SOBRE A SAÚDE DOS TRABALHADORES EM FEIRAS-LIVRES

ISABELA GUIMARÃES ALVES¹

ISABELLA JORGE GNOATO²

LUCIANNE SANT'ANNA DE MENEZES³

RESUMO

Tendo como pano de fundo a temática relativa aos novos modos de produção de subjetividade, na contemporaneidade, e de seus efeitos nos sujeitos e nos laços sociais, o objetivo deste estudo é examinar como o referencial psicanalítico freudiano poderia colaborar no estudo da saúde dos trabalhadores das feiras livres, no contexto da Cidade de Uberlândia - MG, investigando os processos e as condições de trabalho que oferecem riscos à saúde dos trabalhadores destas feiras, a partir da análise da organização do processo produtivo do grupo de atividade: hortifrúti. Trata-se de um estudo na interface da Psicanálise com a Saúde do Trabalhador, dispondo de dispositivos de análise da articulação sujeito e cultura, recuperando a dimensão de extensão do método psicanalítico. Foram realizadas entrevistas e observações do processo produtivo e das relações estabelecidas no local. A análise da organização do processo de produção em uma banca de hortifrúti revelou que os trabalhadores estão submetidos a uma condição de risco para a saúde, por vezes não reconhecida pela maioria deles e que, independentemente disso, o trabalho tem um significado prazeroso.

Palavras-chave: Psicanálise, saúde do trabalhador, sofrimento psíquico, feira livre.

¹ Psicóloga formada pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Av. Pará, 1720 – Bairro Umuarama, Uberlândia – MG – CEP 38400902, bela_g_alves@hotmail.com.

² Psicóloga formada pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Av. Pará, 1720 – Bairro Umuarama, Uberlândia – MG – CEP 38400902, isabellagnoato@gmail.com.br.

³ Docente do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Av. Pará, 1720 – Bairro Umuarama, Uberlândia – MG – CEP 38400902, ismenezes@ipsi.ufu.br.

ABSTRACT

Backgrounded by the theme related to the new ways of subjectivity, nowadays, and its effects on the subjects and social bonds, the object of this study is to investigate how the psychoanalysis referential could collaborate on the study of the worker's health from the street market, on the context of Uberlândia city, investigating the work processes and conditions that offers risk to the labors of this fairs, from the analysis of fruit and vegetable group of activity productive process organization. It is a study on the interface between Psychoanalysis and Worker's Health, using analysis apparatus articulating subject and culture, recovering the Psychoanalytic extensive method dimension. Interviews and observations of the productive process were conducted. The production process analysis on this fruit and vegetable stand revealed that the workers are put through a risk for health condition, mostly not recognized by them, and that independently the job has a pleasurable meaning for them.

Key-words:Psychoanalysis, worker's health, psychic suffering, street market.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto do estudo realizado no Programa de Iniciação Científica Voluntária (PIVIC) com vigência de julho de 2013 a agosto de 2014, inserido no Projeto de Pesquisa “Psicanálise e Conexões: Sobre os efeitos das subjetividades contemporâneas na saúde dos trabalhadores em feiras livres”. A investigação foi feita com olhar ampliado, tanto para os aspectos dos processos e condições de trabalho na feira livre quanto nas relações intersubjetivas deste ambiente, efeito dos modos de produção de subjetividade na contemporaneidade.

Ao criar a Psicanálise, Freud inventou ao mesmo tempo um método de investigação do psiquismo e uma utilização deste método como técnica de tratamento psicoterapêutico. “A psicanálise começou de fato como um tratamento, na pesquisa clínica com as histéricas, mas superou as expectativas iniciais de seu criador a ponto de se tornar uma teoria da cultura” (MENEZES, 2010, p. 11). Deste modo, podemos encontrar ao longo da obra freudiana a utilização do método psicanalítico para além da clínica de consultório, como por exemplo: Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna (1908), Totem e tabu (1913), Psicologia de grupo e análise do ego (1921) e O mal-estar na civilização (1930), Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910), O Caso de Schreber (1911) e O Moisés de Michelangelo (1914) O futuro de uma ilusão (1927) e Moisés e o monoteísmo (1939).

Em Dois verbetes de enciclopédia (1923), Freud define Psicanálise como: um método de investigação da psique (inconsciente); uma forma de tratamento baseada neste método; uma ciência resultante do conhecimento que este método produz. Esta ciência nos mostra que estamos submetidos às regras do inconsciente, presente em toda manifestação humana: na arte, no social, na cultura, nas relações entre os seres humanos e no cotidiano. As manifestações do inconsciente não são exclusivas do espaço de tratamento psicanalítico como Freud mostrou em Psicopatologia da vida cotidiana (1901), ao enfatizar a presença do inconsciente nos lapsos de linguagem, nos esquecimentos, nos sonhos, no humor além dos sintomas.

Freud (1926, 1930) marca a importância da Psicanálise no entendimento do funcionamento dinâmico e conflitante entre o homem e a civilização, portanto, a importância da pesquisa psicanalítica das relações do sujeito com a cultura e da vida nas instituições. Nesse sentido, o autor ressalta a importância da abordagem psicanalítica dos fenômenos sociais (ROSA; DOMINGUES, 2010), marcando assim a dimensão de extensão do método

interpretativo, o que abre espaço para uma perspectiva multidisciplinar e auxilia no exame dos efeitos sobre as subjetividades do contexto cultural contemporâneo.

Pensando nas bordas da Psicanálise com outras ciências, este artigo tem o objetivo geral de investigar como a abordagem psicanalítica freudiana poderia colaborar no estudo da saúde dos trabalhadores das feiras livres, no contexto da Cidade de Uberlândia - MG; e em consequência disso, examinar os processos e as condições de trabalho que oferecem riscos à saúde dos trabalhadores destas feiras, a partir da análise da organização do processo produtivo do grupo de atividade *hortifrúti* (frutas, verduras e legumes, folhas em geral). Em especial, procura-se pesquisar os modos de subjetivação presentes no contexto das relações cotidianas destas feiras, buscando articulações entre a organização do trabalho e as vivências de prazer e de sofrimento dos trabalhadores nestas atividades.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa que procura estabelecer novas articulações na interface psicanálise e saúde do trabalhador, contribuindo para as investigações que priorizam a dimensão de extensão do método psicanalítico, em especial, na abordagem de fenômenos sociais e políticos, como ressaltamos anteriormente. Sustentar a interlocução do discurso psicanalítico com outros discursos é tarefa árdua, em função dos limites que cada discurso impõe. Esta proposta exigiu o manejo simultâneo de distintas vertentes que num ritmo de enlaçamento com o repertório psicanalítico, teve a finalidade de obter subsídios para uma observação psicanalítica, “perspectiva que define seu objeto, indicando a posição do sujeito que observa: perspectiva do aparelho psíquico”.(FÉDIDA, 1992, p.1)

Para levar adiante os objetivos desta pesquisa, foi preciso delinear aspectos do campo da Saúde do Trabalhador, para o que reservamos a primeira parte deste trabalho. Na segunda parte, discutimos os principais aspectos do tema trabalho, seja no campo da Sociologia como da Saúde do Trabalhador e da Psicanálise. Na sequência, fizemos um pequeno apanhado histórico sobre as feiras livres, assim como de aspectos do trabalho nestas feiras. Desse modo, fomos a campo, para realizar observações participantes, com um olhar etnográfico (GUIMARÃES, 1980; ROCKWELL, 2009; SATO e SOUZA, 2001), em várias feiras livres de Uberlândia, com o intuito de fazer uma aproximação com o universo dos feirantes, de modo a poder escolher uma feira que nos permitisse um acesso que possibilitasse a realização da pesquisa, e o aprofundamento dos conhecimentos sobre este universo. Fomos mobilizadas pelo ambiente receptivo e acolhedor que a feira situada no bairro Santa Mônica nos propiciou.

A partir das informações angariadas nas etapas anteriores, foi elaborado um roteiro de entrevista individual semiestruturada (BLEGER, 1980) construído com base nos objetivos do estudo, procurando explicar: a história da feira-livre e de como o participante se inseriu neste universo laboral; a investigação da organização do processo produtivo e da exposição aos riscos e agravos a saúde do trabalhador; sobre seu cotidiano e rotina de trabalho; a dimensão psíquica do trabalho, relativa aos aspectos da subjetividade ligada ao trabalho e aos significados do trabalho na feira para o feirante. Realizamos cinco entrevistas. Foram convidados a participar feirantes dos grupos de atividade *hortifrúti* escolhidos aleatoriamente. Concomitante a esta etapa, foi escolhida uma unidade de produção na feira, de atividade *hortifrúti*, para acompanharmos o processo de trabalho.

O material selecionado para estudo foi analisado segundo a abordagem psicanalítica na interlocução com autores dos campos da saúde do trabalhador, da sociologia e da psicologia social, relativos ao objeto recortado para investigação, de modo a permitir um estudo na interface, em acordo com nosso campo de pesquisa da psicanálise extensa (FREUD, 1922; ROSA; DOMINGUES, 2010; MENEZES, 2012). Os resultados foram remetidos aos objetivos da pesquisa visando as considerações finais.

ALGUNS ASPECTOS SOBRE A SAÚDE DO TRABALHADOR

A ‘Saúde do Trabalhador’ é um campo de conhecimento das relações saúde-trabalho que reúne diversas práticas e estudos no âmbito da saúde coletiva, de setores sindicais e acadêmicos, com caráter interdisciplinar e interinstitucional, conforme Mendes e Dias (1991, p.347). Os autores enfatizam que o objeto da saúde do trabalhador,

pode ser definido como o processo saúde e doença dos grupos humanos, em sua relação com o trabalho. Representa um esforço de compreensão deste processo – como e porque ocorre – e do desenvolvimento de alternativas de intervenção que levem à transformação em direção à apropriação pelos trabalhadores, da dimensão humana do trabalho, numa perspectiva teleológica.

Historicamente, a ‘Saúde do Trabalhador’ evoluiu da ‘Medicina do Trabalho’, passando pela ‘Saúde Ocupacional’ (MENEZES, 2010). A medicina do trabalho se mostrava insuficiente de diversas formas, devido ao seu caráter individualizante e biológico, não havia meios para a intervenção sobre os problemas de saúde causados pelos processos de produção e os trabalhadores estavam cada vez mais insatisfeitos. A ‘Saúde Ocupacional’ surge, então, marcada pela multi e interdisciplinaridade, com foco na intervenção dos locais de trabalho,

em que o intuito era controlar os riscos ambientais e assim dividir-se em dois ramos: de um lado a saúde ambiental e de outro, fortes unidades de higiene “industrial” (MENDES; DIAS, 1991).

O modelo ocupacional, no entanto, não conseguiu atingir seus objetivos propostos, uma vez que se mantinha firmada no mecanicismo, ou seja, não concretizava o apelo pela interdisciplinaridade e abordava os trabalhadores como objetos de ações de saúde (MENDES; DIAS, 1991). Em consequência disso, uma nova corrente teórica ganha força e, atenta aos processos políticos e sociais da saúde coletiva, relaciona os processos de trabalho com a saúde. Dessa forma, considera a historicidade dos processos biológicos e psíquicos, rompendo definitivamente com o pensamento médico ortodoxo que enfatiza o caráter a-histórico da biologia humana. Este aspecto aproxima-se da Psicanálise, para qual não há sujeito sem historicidade. A saúde, portanto, não seria um conceito a priori, mas considerada um processo de produção social (MENEZES, 2010).

A saúde do trabalhador é considerada um movimento social pautado em ações transformadoras, que por meio de articulações políticas, luta por melhores condições de trabalho e visa a garantia e respeito aos direitos dos trabalhadores. O Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), por exemplo, tem por competências: a política e diretrizes para a geração de emprego e renda e de apoio ao trabalhador; política e diretrizes para a modernização das relações do trabalho; fiscalização do trabalho, inclusive do trabalho portuário, bem como aplicação das sanções previstas em normas legais ou coletivas; política salarial; formação e desenvolvimento profissional; segurança e saúde no trabalho, política de imigração e cooperativismo e associativismo urbanos. Ele disponibiliza as Normas Regulamentadoras (NRs), que estabelecem parâmetros para que o ambiente e condições de trabalho sejam minimamente seguros para a atuação de seus funcionários.

Segundo Laurell e Noriega (1989) o conceito de saúde do trabalhador possui estreita relação com o processo de trabalho (produção de bens) em que a finalidade no capitalismo é a mais-valia – definida como processo de valorização. Processos simultâneos e co-dependentes: “o processo de trabalho é a materialização do processo de valorização e divisão do trabalho, e somente decifrável a partir dele” (p. 105). Para o capitalismo não basta a simples produção, a produção com lucro e, portanto, de que forma usar a força de trabalho para tal. Ainda sobre essa relação os autores mostram que:

Assim, a disputa por como usar a força de trabalho torna-se, simultaneamente, a alavanca da disputa por como distribuir o valor produzido entre mais-valia e salário. Desta forma, se para o capital o processo de trabalho é o meio do processo de

valorização, para o trabalho é o âmbito primário da luta contra a exploração (LAURELL; NORIEGA, 1989, p. 106).

Por este trecho podemos entender que, durante a análise do processo de produção busca-se encontrar os elementos do trabalho que interatuam dinamicamente entre si e com o corpo do trabalhador que podem gerar processos de adaptação que se traduzem em desgaste, perda da capacidade potencial e/ou efetiva corporal e psíquica (LAURELL; NORIEGA, 1989).

Segundo Dejours (1996), é importante ter olhos atentos para compreender que cada sujeito está submetido a um modelo determinado de organização do trabalho, cada qual com seu modo operativo e hierarquias e que estes podem tanto facilitar ou dificultar a promoção de saúde naquele ambiente. Para o autor:

Por organização do trabalho é preciso entender, de uma parte, a divisão das tarefas (chegando à definição do modo operatório) que atinge diretamente a questão do interesse e do tédio no trabalho; de outra parte, a divisão dos homens (hierarquia, comando, submissão), que atinge diretamente as relações que os trabalhadores estabelecem entre si no próprio local de trabalho (p.153).

A RESPEITO DO TRABALHO

A palavra “trabalho” vem do Latim *tripalium*, que significa “castigo”. Na antiguidade, *tripalium* era um instrumento de punição e tortura para escravos da Idade Média. O trabalho, portanto, sempre esteve ligado ao sofrimento e ao tormento para a sociedade. Freud, em “O mal-estar na civilização” (1930) traz um novo olhar para o trabalho na sociedade. De acordo com o autor, o trabalho tem o poder de vincular o sujeito à realidade em que vive, garantindo ao homem uma posição segura na comunidade em que está inserido, além de facilitar a formação dos laços sociais. O trabalho é o instrumento que o homem criou para lidar com o desamparo e viver em sociedade (MENEZES, 2010).

Henry Ford, em meados do século XX, contribuiu com grandes transformações na história com o foco no progresso e na inovação. Pegando as noções de administração científica de Taylor, Ford cria um novo sistema de produção, um modelo de ordem racional denominado fordismo. Esse modelo prioriza o presente como tempo mais importante para que se tenha domínio sobre o futuro. A lógica fordista modela a sociedade e suas formas de trabalho (MENEZES, 2010).

De acordo com Santana e Ramalho (2004), o fordismo tem como principais características: separação entre concepção e execução do trabalho/ rotinização e fragmentação do trabalho; controle do tempo de realização das tarefas (disciplina); pouca valorização do saber do trabalhador; produção em massa. Esse modelo fordista de trabalho, entretanto, foi sofrendo modificações à medida que o mercado se tornou saturado e demandou novos padrões de exigência. Dessa forma, foi necessário investimento e progresso da tecnologia, bem como a flexibilização do trabalhador (MENEZES, 2010).

Na década de 1980, o fordismo no Brasil iniciou um processo de mescla com o toyotismo, um modelo japonês de organização do trabalho. O toyotismo foi desenvolvido por Ohno e aplicado na empresa Toyota Motor Co. Na década de 50 e, a partir da implantação de uma segunda fábrica da Toyota na cidade de São Paulo, buscou-se implantar essa nova gestão no Brasil (MENEZES, 2010). De acordo com Ohno (1997), o toyotismo é um sistema que explora as habilidades humanas até o máximo do seu potencial, de modo que atinja sua capacidade plena e máxima. Assim, máquinas e instalações são bem utilizadas, procurando eliminar todo desperdício possível.

Segundo Antunes (2007, p.16), atualmente há um novo tipo de trabalho mais “polivalente” e “multifuncional”, que denomina de “concepção ampliada de trabalho”. Esta nova ‘morfologia do trabalho’ tem como características principais: a redução do proletariado dando lugar a formas mais desregulamentadas de trabalho; o aumento do novo proletariado fabril e “de serviços”; a expansão dos assalariados médios no “setor de serviços”; a expansão do “Terceiro Setor” que engloba trabalhos voluntários em ONGs; o aumento do trabalho feminino, a exclusão de jovens em idade ativa e dos idosos, que se submetem a trabalhos precários ou voluntários, assim como a inclusão de crianças no mercado de trabalho e o aumento do trabalho domiciliar.

O homem em civilização se depara com uma questão que dificulta sua vida em sociedade: a agressividade. A inclinação para a agressão, proveniente das pulsões de morte, é um obstáculo para a construção da civilização. Dessa forma, o indivíduo cria recursos para lidar com sua agressividade e viver em sociedade. Para Freud (1930), o maior problema que a civilização criou para o homem foi a repressão das pulsões, tendo em vista o antagonismo irremediável entre as exigências pulsionais e as restrições da civilização. Para ele, segundo Menezes (2010):

(...) a relação do sujeito com a civilização é marcada por um mal-estar, pois é permeada pelo conflito e a impossibilidade de resolvê-lo totalmente. Esse conflito irremediável é constitutivo da condição subjetiva do humano, sendo o desamparo a

base dessa condição. Isso implica que as manifestações da subjetividade se dão em relação ao que Freud chamou de mal-estar na cultura, mal-estar este constitutivo da sociedade (p. 140).

A missiva freudiana é que para viver o indivíduo tem que criar possibilidades afetivas no enfrentamento da condição fundamental de desamparo, conforme a autora. É neste contexto que Freud compreende o trabalho: “como um instrumento que o homem criou para lidar com seu desamparo e viver em sociedade.”.

O trabalho em forma de ofício é fonte de satisfação pulsional (FREUD, 1930/1980), desde que o indivíduo esteja conectado afetivamente com ele.

A atividade profissional constitui fonte de satisfação especial se for livremente escolhida, isto é, se, por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes de impulsos persistentes ou constitucionalmente reforçados (p. 99).

A partir do exposto, podemos perceber que o processo de evolução das formas de trabalho em sociedade – evolução da tecnologia bem como a flexibilização do trabalhador, dentre outras – deixou a população trabalhadora se mostra mais vulnerável ao sofrimento psíquico relacionado ao trabalho. De acordo com Dejours (2004a), isso acontece porque antigamente havia uma cooperação mais fortificada entre o proletariado. Isto é, os trabalhadores eram mais unidos em prol do bem estar coletivo e do social, buscando combater sofrimentos como aborrecimentos cotidianos, medos de demissões, medo de não ser capaz, auto cobrança, medo da autoridade da gestão, entre tantas outras angústias causadas pelo trabalho.

Hoje, o coletivo (inclusive os sindicatos) se fragmentou e os sujeitos estão cada vez mais individualizados, de modo que há uma desestruturação das formas de solidariedade e cooperação. Essa falta de solidariedade e o excesso de solidão contribuem para o sentimento de abandono e desamparo. Arcar com tais angústias sozinho se torna muito mais desafiante e desgastante para o sujeito. Os sentimentos que predominam nesse ambiente são de desconfiança, desolação e isolacionismo (DEJOURS, 2004b).

O trabalho na feira parece contradizer o autor, no sentido de prevalecer a cooperação e o trabalho em equipe mantendo as tradições históricas e culturais deste tipo de comércio, apesar de Sato (2012) mostrar que “competição e cooperação são elos inseparáveis e podem mesmo ocorrer em momentos contíguos” (p. 147). E continua a autora:

No trabalho rotinizado, redes de relações, cooperação e competição e acordos válidos apenas entre vizinhos também são construídos; as dimensões estética e

cômica encontram nichos menos evidentes para expressão, mas estão presentes. Micro negociações e “jeitinhos” acontecem. No entanto, no caso da feira livre, essas características dão-se à luz do dia não sendo necessário arrancá-las por debaixo das prescrições escritas (SATO, 2012, p. 227).

UM CURTO PASSEIO PELA HISTÓRIA DA FEIRA LIVRE E O TRABALHO NESTE LOCUS

Dentre tantos ambientes de trabalho disponíveis para ser estudados, nos chama atenção a feira livre. Cheia de cores, sons e cheiros, ela atrai por sua ambivalência: ao mesmo tempo em que nos deparamos com trabalhadores cansados e expostos a riscos para a sua saúde (biomecânicos, biofísicos e de acidentes) percebemos também o movimento de festividade entre esses indivíduos, que proporciona prazer e diversão.

As feiras surgiram no século IX nos mercados locais com o objetivo de sustentar a comunidade local com seus produtos. Dessa forma, contribuíram para o nascimento e crescimento das cidades fazendo com que houvesse trocas de mercadorias entre os homens e não somente uma produção de subsistência (PIRENNE, 1973).

Durante o período feudal as feiras perderam parte de sua importância, já que os feudos possuíam economia de subsistência e produziam praticamente tudo o que precisava para sua sobrevivência. Durante o século XI, porém, o sistema feudal passou por grandes crises econômicas e as cruzadas, lideradas pela igreja católica, deram um novo ímpeto ao comércio e as feiras. Estas supriam as necessidades de mercadores e passaram a aumentar em número a partir da revolução comercial (SANTOS; MACHADO; CLEPS, 2011).

Apesar do declínio, o sistema feudal conseguiu fortalecer muitas comunidades, que se transformaram em verdadeiras cidades. Dessa forma, o comércio prosperava para fora das fronteiras. Com a criação de estados nacionais e o declínio dos senhores feudais, o mercantilismo emergiu (BATISTA, 2012). Em posterior ascensão, o capitalismo chega com o advento da mais-valia e o uso da força de trabalho para produção com lucro.

De acordo com Santos (2008), a ideia de divisão do trabalho, que cinde a população em uma parte que depende de salários baixos – a maioria dos indivíduos – e outra parte, que possuem altos salários, faz com que a sociedade se parta em basicamente dois circuitos. O circuito superior se relaciona com a alta tecnologia. É formado pelo setor terciário de serviços, atividades que envolvem bancos, comércio e indústria de exportações, atacadista e de transportes e serviços modernos. O circuito inferior, por outro lado, se forma pelas

atividades não modernas, comércios em pequenas escalas e utilização de grande mão de obra e trabalho intensivo em vez da tecnologia.

Uma das formas como a mídia capta a existência do circuito inferior é por meio da representação do Trabalho Informal, que não coincide necessariamente com as atividades deste circuito (OLIVEIRA, 2010). Há um debate teórico sobre o setor informal que vem se modificando ao longo do tempo e em 2002 passou-se a utilizar o termo economia informal (KREIN; WEISHAUP, 2010). Cacciamali (2000), no entanto, propôs a utilização de um novo conceito: o processo de informalidade, ampliando os conceitos de setor formal (unidades produtivas organizadas) e setor informal (unidades produtivas não organizadas, ou seja, aquelas que não constam nas estatísticas oficiais ou aquelas que são realizadas por conta própria). Já Noronha (2003), defende a utilização de diversos tipos ou grupos de “contratos atípicos”, conceito que, para ele, talvez seja preferível ao de “informalidade”.

As feiras livres estão situadas no contexto do “circuito inferior” da economia, que trabalha com pequenas quantidades de mercadorias e com a multiplicidade de serviços de diversas espécies. Este comércio “inferior” entra em conflito com as grandes redes de super e hipermercados, situadas no “circuito superior” e, uma vez que tende a “controlar a economia, diretamente ou por intermédio do estado, põe as atividades situadas no ‘circuito inferior’ numa situação de subordinação e dependência em relação a ele”. (SATO, 2012, p. 51).

Além do caráter comercial, o ambiente da feira também assume características que reforçam a cultura popular. Ainda que seja um evento cotidiano e corriqueiro, ela proporciona aos indivíduos que trabalham nela e a que frequentam noções de identidade, comunidade, hábitos, relações e comunicação. Dessa forma, a feira desempenha também uma função social, proporcionando aos trabalhadores uma liberdade de expressão. Isto significa que a feira se adapta ao contexto em que está inserida, atendendo às demandas da freguesia e dos próprios trabalhadores (SANTOS et al., 2011).

De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), o trabalho na feira consiste em atuar no comércio varejista de forma individual ou em equipe. As atividades são executadas a céu aberto, em horários tanto diurnos quanto noturnos, em que o trabalhador é exposto a ruídos intensos, altas e baixas temperaturas, poluição do ar e longa permanência em pé, podendo leva-lo a uma situação de estresse. Além disso, o feirante se depara com muitas responsabilidades e diferentes funções: administrar o negócio, comprar mercadorias, organizar o local de trabalho, preparar produtos para venda, vender as mercadorias, promover a venda, comunicar-se e trabalhar com segurança, o que exige dele habilidades psíquicas, motoras e cognitivas.

Para a administração do negócio é importante que o feirante se atente para os seguintes aspectos: adquirir matrícula e licença na prefeitura, escolher o local de instalação, obter autorização para uso do espaço público, pagar taxas, providenciar escrituração contábil, contratar, treinar e pagar funcionários, providenciar seguro, preservar a estrutura física, controlar o caixa e seu fluxo, controlar estoques, terceirizar serviços, providenciar manutenção e troca de equipamentos e cumprir a legislação vigente.

Já a compra de mercadorias envolve as seguintes atividades: negociar com fornecedores, selecionar, receber, transportar e armazenar mercadorias. A organização do local de trabalho envolve atividades como armar a banca, expor as mercadorias, marcar os preços, zelar pela organização, recolher as sobras, desmontar e guardar a banca e zelar pela limpeza do espaço público. Na preparação dos produtos e das vendas, o feirante embala as mercadorias, recebe dinheiro dos clientes, coloca faixas e cartazes, atrai os clientes com a fala e, acima de tudo, comunica-se com eles. Por fim, o trabalhador deve prestar atenção na segurança e saúde no trabalho, como usar aventais e luvas, esterilizar e higienizar embalagens, descartar alimentos impróprios para consumo, utilizar embalagens descartáveis e higienizar-se (CBO, 2002).

O PROCESSO DE PRODUÇÃO EM UMA BARRACA DE HORTIFRÚTI

A feira escolhida acontece no bairro Santa Mônica, como dissemos anteriormente, todos os sábados no período diurno, das 7:00 as 13:30, e tem uma gama de clientes diversificada: homens, mulheres, crianças, jovens e idosos frequentam o local. Ela se estende por oito quarteirões na Rua Ortízio Borges. Nela, contamos com cerca de 30 barracas de hortifrúti, cada qual com seu estilo de atrair a clientela. Dentre estas barracas, escolhemos uma específica para manter o foco da nossa observação e acompanhar o processo de trabalho.

A banca escolhida tem 12 metros de comprimento, conta com quatro funcionários e vende mercadorias de hortifrúti: tomate, quiabo, inhame, mandioca, entre outros produtos que variam de acordo com a época. Acompanhamos os trabalhadores por quatro sábados seguidos, desde o processo de montagem da banca até sua desmontagem no término da feira para compreender melhor como se dá o processo produtivo e as habilidades necessárias para a operacionalização das atividades do seu trabalho.

A compra dos produtos

Antes do início da feira o trabalhador precisa obter o produto que vai vender, no setor de hortifrúti usualmente compra-se no CEASA ou o próprio feirante produz a mercadoria.

Quando a obtenção é por meio do CEASA a compra normalmente é feita no dia anterior, para a preparação a noite e a venda no dia seguinte pela manhã, alguns o fazem pela manhã, antes de iniciar a feira a tarde. Muitas vezes os produtos podem ser reaproveitados para um segundo dia de feira, descartando a necessidade de uma nova compra.

O processo de produção é dividido em cinco etapas: 1) a montagem da barraca; 2) preparação da mercadoria; 3) venda e reposição do produto; 4) desmontagem da barraca; e 5) limpeza do local.

1. A montagem da barraca

Os feirantes começam a chegar para a preparação da feira por volta das 5:30 da manhã. A barraca (formada por: uma prancha (mesa) sobre um suporte e uma cobertura) que acompanhamos começou a ser montada às 6:15 em um dia que o dono do ponto “se atrasou um pouco” (SIC). As peças que compõem a banca são levadas em uma carreta acoplada no veículo (Kombi) do proprietário. Os suportes para as bases onde as mercadorias ficam expostas são os primeiros a serem descarregados. Composta por oito mesas de ferro de aproximadamente 1,7 m de comprimento e cerca de 35 kg, sendo sete enfileiradas lado a lado e uma disposta perpendicularmente a estrutura. Depois, são descarregadas as barras de ferro que compõem o suporte para o toldo. São barras que variam de 3,5 m as menores a 5 m de comprimento as maiores e pesam de 5 a 7 kg respectivamente. Quando amarradas umas às outras para serem tiradas da carreta, formam conjuntos de barras que pesam cerca de 70 a 80 kg, deixando o trabalhador exposto a riscos de acidentes (por derrubar os materiais, tropeços, queda da própria altura) e biomecânicos (por movimentos repetitivos e com peso em excesso).

Uma a uma as barras são dispostas em seus devidos lugares até que a barraca tome forma. As bancas são montadas em um tempo de aproximadamente meia hora a 40 minutos. Os feirantes sobem em cima da mesa para encaixarem e desenrolarem os toldos, o que configura risco de acidentes. Nos dias de nossas observações fazia sol e a manhã tinha uma temperatura agradável. Em tempos de chuva eles nos contam que as atividades se tornam mais dificultosas. Além do toldo, é colocada também uma lona para proteger mais a barraca e os trabalhadores da chuva. Entretanto, de acordo com os relatos dos trabalhadores, nem sempre a lona e o toldo são suficientes, de modo que diversas vezes a estrutura caiu diante de uma chuva ou vento muito forte, deixando os trabalhadores desprotegidos e descobertos, trabalhando o resto da manhã com as roupas molhadas da chuva, o que configura risco físico por umidade e frio, além da irregularidade, conforme a NR21, tendo em vista que na feira não há nenhum tipo de abrigo que seja capaz de proteger os trabalhadores das intempéries.

2. Preparação da mercadoria

Após esse processo de montagem, o segundo passo é descarregar as caixas com as mercadorias. São diversas caixas de plástico de aproximadamente 50x30cm e que pesam de 15 a 30 kg dependendo da mercadoria. Os trabalhadores tiram várias delas da Kombi, muitas vezes pegando mais de uma caixa por vez para acelerar o processo de trabalho. As mercadorias, então, são despejadas nas mesas para serem embaladas para o comércio em pacotes de sacos plásticos transparente, pesando aproximadamente 500g. O processo de embalagem exige movimentos repetitivos que podem gerar dores nos braços. Nesta fase os trabalhadores estão expostos a riscos biomecânicos e de acidentes.

Enquanto dois trabalhadores embalam os produtos, o terceiro escreve os preços e distribui as placas com as informações pela banca. O processo leva em média uma hora e meia – entre o montar a barraca e terminar de preparar todas as mercadorias – e, nessa hora, por volta das 7:30, a feira já conta com alguns clientes. Fregueses que “já são de casa” aparecem para as compras e os feirantes começam com os trabalhos de “chamar a freguesia” com a simpatia e as piadas gritadas.

3. Venda e reposição do produto

Durante o “horário de pico” da feira, que gira em torno das 9 às 11da manhã, pudemos perceber grande satisfação por parte dos trabalhadores que se divertiam, conversando com a freguesia, já cansados com o trabalho sem pausa e pela repetição do processo de embalagem de novos produtos. Além de lidar com toda a freguesia, atendimento e pagamentos, é necessário se preocupar também com a reposição das mercadorias. Os feirantes manuseiam facas grandes e afiadas para cortar ou descascar produtos como mandioca e abóbora, denotando risco de acidente, agravado pela correria do trabalho.

4. Desmontagem da barraca

Por volta do meio dia a feira começa a se esvaziar e as barracas começam a ser desmontadas. Os produtos não vendidos vão sendo colocados de volta nas caixas, que pouco a pouco são levadas novamente para o veículo. Os trabalhadores, depois de passarem de sete a oito horas em pé, sem pausas para descanso, precisam limpar todo o local e liberar a rua antes das 13:30. Após recarregar a Kombi com as caixas de mercadorias não vendidas, é hora de desmontar a barraca. Novamente o trabalhador sobe nas bancadas para retirar o toldo de plástico que protegeu a barraca do sol quente. Depois do toldo, as barras de ferro são retiradas

uma a uma, empilhadas e colocadas na carreta, por fim as mesas vão sendo retiradas, bem como as pernas que as sustentavam, ficando os trabalhadores expostos a riscos físicos, biomecânicos e de acidentes. Aos poucos a feira vai se esvaindo da Rua Ortízio.

5. Limpeza do local

Após guardarem os produtos que sobraram para a feira do dia seguinte, a desmontagem da estrutura e a organização de tudo na carreta, os feirantes começam a limpar o local. As frutas e verduras que por ventura caíram ao chão, aquelas que não estavam adequadas para a venda e foram deixadas de lado e outros resquícios que a venda dos produtos possa ter deixado, como sacolas e papeis com preços de mercadoria anotados e alimentos estragados, denotam risco biológico. Ao fim da feira por volta das 13:30/14 horas quase não se vê resquícios do que aconteceu ali.

SOBRE A FEIRA LIVRE DE UBERLÂNDIA: RESULTADOS E DISCUSSÕES

A cidade de Uberlândia - MG, segundo o site da prefeitura, conta com um total de 62 feiras livres, sendo que 29 delas são diurnas (funcionam das 7:30 às 13:00) e 33 noturnas (funcionam das 15:00 às 20:30), contemplando mais de 63% de seus bairros. Em 2011 a lei nº 10.702 foi sancionada para reorganizar o funcionamento das feiras, revogando decretos anteriores. A Secretaria Municipal de Agropecuária e Abastecimento é responsável exclusiva por organizar, administrar e fiscalizar as feiras, contando com o Núcleo de Fiscalização, para que funcionem conforme a legislação específica.

O comércio nas feiras livres bem como a utilização de seu espaço é liberado somente via licitação, na modalidade de concorrência pública, realizada pelo critério de melhor técnica, ou seja, escolhendo a proposta que apresentar projeto de implantação mais confluyente com o interesse público. Este processo é realizado anualmente ou quando houver vagas disponíveis e necessidade de abertura de novas feiras (DECRETO Nº 13.246, DE 25 DE JANEIRO DE 2012). Muitos feirantes, durante este processo de renovação da licitação, preferem fazê-lo por intermédio do sindicato. Desta forma, a negociação com a prefeitura, bem como a organização dos papéis necessários fica sob responsabilidade da instituição.

O sindicato dos feirantes em Uberlândia foi fundado em 1982, por Hélio Santos, quinze anos após a criação das feiras livres na cidade. Além do presidente, eleito de dois em dois anos, eles contam com treze voluntários e três funcionários remunerados. De 334 feirantes, uma média de 40 participa das reuniões mensais organizadas no local. Para ter

acesso ao serviço oferecido por eles é necessária a afiliação que vem com o custo de vinte reais mensais. No entanto, o movimento atual dos feirantes é de desligamento da instituição, uma vez que muitos não veem vantagens nessa parceria.

O material obtido a partir das entrevistas realizadas com os trabalhadores feirantes mostrou que este trabalho permite autonomia e independência. Todos eles nos falam sobre o quanto se sentiram atraídos pela feira por não precisarem responder a um chefe ou subordinações. Fazem suas próprias atividades e não dependem de outras pessoas para isso, o que agrada a todos os entrevistados. Além desse aspecto, quase a metade dos entrevistados deu continuidade ao trabalho da família na feira, como mostram os relatos abaixo:

“Eu comecei a partir do momento que eu saí de uma empresa em que fazia contabilidade e foi por um acaso que eu fui passear na feira e achei aquele movimento legal, de acordar cedo e montar as barracas. E me chamou também a atenção a questão de ser um serviço informal, que fosse por conta própria.” (Feirante 1)

“Cansei de trabalhar pros outros.” (Feirante 5)

“Minha família todinha é feirante. São 10 irmãos e eles tudo são feirante. Eu comecei com 10 anos na banca de pastel. Eu trabalhei até... 15 anos na banca de pastel, depois eu trabalhei mais 10 anos numa banca de fruta. E agora tem três meses que eu peguei e comprei essa daqui pra mim.” (Feirante 3)

“Eu trabalhava com corte e costura e a gente veio pra cá num passeio; gostamos e aí resolvemos ser feirante.” (Feirante 2)

A respeito da história da feira livre em Uberlândia - MG, nenhum dos trabalhadores soube dizer como as feiras começaram na cidade e tampouco como a feira do bairro Santa Mônica começou. Mas, após muitos anos de experiência, eles falam sobre suas percepções a respeito de como alguns aspectos da feira foram se modificando ao longo do tempo. Todos eles dizem da dificuldade da concorrência com os hipermercados da cidade e, embora não acreditem no fim da feira, este tipo de concorrência dificulta muito o trabalho deles:

“Com o decorrer do tempo, veio a inauguração do Carrefour e de outros hipermercados. Então a concorrência foi aumentando cada vez mais, porque ela é uma feira muito grande, concorrida e cada um que passa, nossos colegas, concorrentes do mercado também, colocam coisas mais atrativas e vai dificultando muito. Então essa feira passou a ser bem difícil de trabalhar, por esses motivos. Por um motivo mesmo de concorrência.” (Feirante 1)

“Mudou né, porque antes... antes não tinha mercado, não tinha concorrência. Aí hoje é mais difícil. Igual, tinha feira que a gente chegava a vender um caminhão de laranja. Hoje se vender cinco caixas é muito.” (Feirante 3)

Estes relatos mostram os efeitos deletérios da reestruturação produtiva do capital, em especial, o aumento do setor de serviços em relação ao setor industrial e o que isso gerou. Como mostra Sato (2012, p. 51), desde o Plano Real houve uma concentração das atividades de comércio varejista nos grandes supermercados e, com isso, uma “imposição de regras por parte dessas grandes redes aos fornecedores de produtos e ao comércio varejista como um todo.” As feiras e sacolões ainda possuem representação significativa na comunidade, mas não conseguem concorrer com os supermercados. Diante dessas dificuldades, muitos feirantes, talvez expressando as ameaças que seu “negócio” sofre, adotam uma postura de defesa da feira livre e listam argumentos em favor de sua existência: qualidade e variedade dos produtos, atendimento pessoal, o que cria um compromisso com os fregueses (SATO, 2012, p. 52).

A respeito da relação com os colegas de trabalho, de modo geral os feirantes se sentem bem, confortáveis e satisfeitos e contam que o clima na feira é quase sempre de cooperação. Apenas uma minoria dos entrevistados expõe a competição e aconcorrência desleal de preço entre os colegas, como podemos ver pelotextuais abaixo:

“Graças a Deus eu tenho amizade com todo mundo, logo eu sou muito espontânea, né? Eu brinco com todo mundo, mexo com todo mundo. E sou muito conhecida.” (Feirante 2)

“Eu conheço a maioria. Só os que entrou assim, mais ou menos agora, né... mas todo mundo aqui conhece meu marido, eu.. É, sair daqui é difícil!” (Feirante 3)

“Tem alguns amigos da gente que não tem o mesmo pensamento que a gente, então vem com ignorância e você tem que sair fora disso, né?” (Feirante 1)

“Hoje em dia você põe seu preço, neguinho as vezes quer por mais barato que você, põe 10, 20 centavos mais barato. Mas o cliente chega a gente explica, olha, realmente no Fulano está mais barato, mas olha, eu tenho mais variedades do que ele entendeu? Olha, por exemplo, eu tenho quiabo, vagem empacotada, nós temos no quilo e o cliente acaba entendendo.” (Feirante 2)

Estes relatos nos remetem a Sato (2012) com relação à questão da competição e da colaboração como elos inseparáveis. Além disso, a autora coloca que podem aparecer em momentos contíguos, o que constatamos, por exemplo, na maneira como os feirantes vizinhos lidam com o troco:

“Ah, por exemplo, quando... a gente se ajuda assim, quando tá faltando um troco, quando tá sem dinheiro trocado pra devolver pro cliente e aí a gente pede pra algum amigo aqui do lado.” (Feirante 1)

Tais aspectos fazem borda com a psicanálise freudiana, com relação a importância do trabalho para a economia libidinal do indivíduo, no sentido da possibilidade de “deslocar para o trabalho e os relacionamentos humanos a ele ligados uma forte medida de componentes libidinais – narcísicos, agressivos e mesmo eróticos”, (FREUD, 1930/1980, p.99). A ‘ênfase no trabalho’ é uma técnica para afastar o sofrimento, agindo nos impulsos por meio dos deslocamentos da libido possibilitados por nosso psiquismo. O autor ressalta que a sublimação das pulsões é o melhor resultado obtido e, “então, o destino não pode fazer muito contra o indivíduo” (p.98). Neste contexto, o trabalho na feira-livre pode ser considerado um instrumento para lidar com as possibilidades afetivas dos trabalhadores feirantes, na reorientação da libido de modo que procurem evitar com astúcia a frustração do mundo externo, elevando suficientemente o ganho de prazer a partir do trabalho

Sobre as relações com os clientes, os trabalhadores também se mostraram satisfeitos. Eles contam sobre “fregueses” que passam pela banca de vez em quando e de outros que são fiéis, já conhecidos e muito próximos. Há outros, porém, que não os tratam com educação e lidar com cliente deste tipo se torna um desafio, como mostram os recortes abaixo:

“Bom, eu tenho clientes que vai só pra comprar o produto na banca e tem aqueles que gostam de conversar, falar sobre algumas coisas da vida e trocar algumas ideias, trocar relacionamento, mas íntimo mesmo são poucos.” (Feirante 1)

“Olha, é o seguinte, tem clientes que tem hora que tira a gente do sério, sabe? Mas você tem que ter jogo de cintura, minha filha, tem que saber levar.” (Feirante 2)

“A gente depende deles, né. Então tem que respeitar. Tem uns que extrapola um pouquinho, mas tem que fingir que não escuta né?” (Feirante 3)

A respeito do sindicato da classe, a maioria dos trabalhadores apresenta um movimento de desligamento da instituição, uma vez que não há vantagens nesta parceria, tendo em vista que a mediação com a prefeitura é insuficiente e insatisfatória; não recebem mais benefícios como assistência médica e dentária, além do corte em formas de lazer, como festas de confraternização.

“Não, eu acho que o sindicato dos feirantes é um problema pros feirantes. Não faz nada (...) pra mim feirante só sai prejudicado. Tanto que eu sou sócia de lá e não quero mais, eu falei até pro meu marido que a moça começa a receber a partir do dia dez na hora que chegar na minha hora eu vou falar estou desfilada (...)” (Feirante 2)

“Lá tem nada. Vai só para lavar as lonas. Antes tinha atendimento médico e tinha dentista. Agora tirou tudo, agora só tem.. só para lavar as lonas.” (Feirante 3)

“Eles compra lona pra vender pra gente mais barato, agora eles não tão comprando mais, às vezes ajudava a gente na troca de ponto. Mas agora acabou tudo, a prefeitura tá mandando mais que eles. Às vezes tudo que a gente consegue aqui é na prefeitura, no sindicato tá devagar, mas com essa presidência agora né...mas nas outras presidências era muito bom, essa agora tá devagar.” (Feirante 5)

“Minha relação é que eu sou um credenciado lá, eu sou cadastrado também pelo sindicato, e o que eu preciso resolver na feira eu vou e busco ajuda no sindicato, eles enviam a documentação para o que eu quiser. (...) Tem que ter um grupo, um pessoal que vai te defender. Então nessa hora o sindicato vai ser bem útil pra nós, dependendo do problema que for discutir, passa a ter mais força nessa hora.” (Feirante 1)

A fim de compreender melhor como se dá o processo de produção na feira, investigamos as rotinas dos trabalhadores, sendo que a especificidade do processo produtivo da barraca de hortifrúti foi detalhada no tópico anterior. Todos eles acordam entre quatro e 5 horas da manhã, com exceção do feirante que comercializa verduras de folha porque é o próprio produtor e acorda às 3h30min para fazer a colheita. A maioria adquire as mercadorias no CEASA e realiza compras para dois dias de feira, tendo em vista que são produtos mais duráveis como raízes e legumes. Uma minoria vai diariamente ao CEASA, uma vez que trabalha com produtos muito perecíveis como frutas. No geral, preferem a jornada de trabalho diurna, em especial por motivos de segurança em relação a roubos e possíveis ataques de meliantes aos trabalhadores.

“A gente nunca tem tanto tempo, se for pra ter um tempo folgado, pra poder arrumar, tomar café em casa direitinho, você tem que acordar 2, 3 horas da manhã. Então não dá, você programa o relógio pra você acordar uma hora que dá pra você arrumar, só usar o banheiro e ir pra feira.” (Feirante 1)

“Eu termino o CEASA na quarta feira as 19:30 da noite, aí eu volto, vou acomodar as coisas, eu tô livre tipo 20:30 da noite. Na sexta é por volta dessas horas também porque é demorada a compra porque é maior e mais difícil pro final de semana, eu gasto um pouquinho mais de tempo no CEASA. E quando eu chego em casa, como eu vou fazer os pacotes, vou preparar a mercadoria, para o dia seguinte eu também gasto mais tempo.” (Feirante4)

“Chego em casa e não descanso não, chego em casa eu vou fazer janta, vou adiantar alguma coisa pra quinta-feira eu acordar 4:30 e ir pra feira.” (Feirante 2)

“Uai, porque à tarde, assim, tudo é pior. Porque à tarde é à noite na verdade, então se estragar algum carro, é tudo mais difícil à noite. Qualquer imprevisto que tiver... de dia é melhor né, é mais fácil. E segurança também né. É mais seguro.” (Feirante3)

Todos os trabalhadores se queixam de que a jornada de trabalho na feira é cansativa. Entretanto, todos demonstram muito prazer e satisfação com seu trabalho. Eles trazem a ideia de que a feira “segura” quem trabalha nela, que todos aqueles que resolvem deixar a feira

acabam voltando depois de pouco tempo. Alguns dos entrevistados, inclusive, tiveram essa experiência e acabaram voltando para a feira.

Sato (2012) fala do processo de identificação do sujeito com o trabalho, e em especial, na feira. A construção da identidade no ambiente de trabalho é intrínseca ao indivíduo de modo que, ao sair, é como se ele se descaracterizasse, deixasse de ser o que é. Por isso, o retorno. O trabalho é peça fundamental para a construção dessa identidade e seus modos de subjetivação são o que torna quase impossível mudar de lugar. Sobre isso, afirma Dejours (2004b, p.30):

O trabalho sempre coloca à prova a subjetividade, da qual esta última sai acrescentada, enaltecida ou ao contrário, diminuída, modificada. Trabalhar constitui, para a subjetividade, uma provação que a transforma. Trabalhar não é somente produzir, é, também, transformar a si mesmo e, no melhor dos casos, é uma ocasião oferecida à subjetividade para se testar, até mesmo para se realizar.

Dejours (2004b) fala da centralidade do trabalho, uma relação entre o trabalho e a subjetividade no campo psíquico. Para este autor psicanalista, “o trabalhar seria uma condição transcendental de manifestação absoluta da vida” (p.31). Não se restringe simplesmente a uma atividade, mas é também relação social. É organizar a própria subjetividade dentro de um mundo hierarquizado, com desigualdades, poderes e dominações. E se reconhece um sujeito pela sua resistência em ser dominado. Trabalhar, portanto, é, em partes, resistir ao mundo social. Aspectos estes corroborados pelos relatos dos trabalhadores, conforme constatamos a seguir:

“Terapia! Isso é uma terapia! Eu acho bom, eu gosto de mexer com o povo. Ah, eu acho muito bom, eu gosto mesmo, mexendo com o povo aqui eu faço piada, eu converso e passa a hora rapidão!” (Feirante 5)

“É, quem bebe água da feira não sai mais não. Até morrer!” (Feirante 3)

“Nossa.. É por isso que eu te falo que eu não sei o que acontece que prende os outros aqui.(...) Eu acho que a pessoa aprende né, a fazer só uma coisa. Não interessa... aí fica até velho na feira, não aprende a fazer mais nada e volta pra feira de novo. Acho que é só essa explicação. Não sei, mas muita gente sai e volta.” (Feirante 3)

“Olha, hoje pra mim o trabalho, meu trabalho que eu faço significa muita coisa, porque é meu meio de sobrevivência, é da onde eu tiro a comida pros meus filhos, aonde eu pago os meus compromissos, entendeu?” (Feirante 2)

“Ué, é bom porque é um trabalho que você fica bem junto com as pessoas, você passa a ser comunicativo também, você vê pessoas de todo jeito e a porcentagem maior é que você tá ganhando seu pão de cada dia mesmo.” (Feirante 1)

Tais aspectos nos remetem a Freud (1930/1980, p.99), para quem “nenhuma outra técnica para a condução da vida prende a pessoa tão firmemente a realidade como a ênfase no trabalho, que no mínimo a insere de modo seguro, numa porção da realidade, na comunidade humana”, o que confere ao trabalho o caráter de indispensável como uma técnica na arte de viver e uma forma de engate do sujeito no circuito social. Neste contexto, o trabalho na feira livre torna-se, para os feirantes, uma das peças fundamentais na problemática da identidade e na manutenção da civilização.

Parte dos trabalhadores fala da intenção de sair da feira para trabalhar com outro tipo de negócio somente depois de se aposentar. A maioria só deixaria a feira caso estivesse impossibilitada de exercer este trabalho.

“Eu quero tá preparada, por exemplo, eu não vou dizer que vou tá rica, porque ninguém fica rico de feira não, isso aí é mentira. (...) Eu quero ter, por exemplo, na frente da minha casa dois pontos de comércio pra futuramente eu ter uma renda, tipo alugar, entendeu?” (Feirante 2)

“Eu to quase, eu pago INPS autônomo, eu to, eu já corri atrás só que não deu certo, agora eu vou voltar lá de novo (...) vou continuar, pode parar não” (Feirante 5)

“O que eu tava pensando era em montar uma loja minha de utilidades, porque aí eu teria mais duas coisas que eu mais busco, uma loja de todos os tipos de utilidades. (...) E também porque vou ter meus dias de lazer, ficar mais tranquilo aos sábados e domingos.” (Feirante 1)

A maioria dos trabalhadores não reconhece os riscos do trabalho na feira, afirmando que são aspectos intrínsecos ao seu processo de trabalho, como por exemplo o manuseio da faca, que percebem como perigoso, mas dizem que é só prestar atenção que nada acontece. Ou mesmo o carregamento de caixas pesadas, que entendem como “natural”. Os riscos serão detalhados no próximo tópico ao tratarmos do processo produtivo de uma barraca. De qualquer forma, note-se que as falas abaixo são reveladoras da produção e reprodução da ‘naturalidade’ de uma precariedade das condições de vida e de trabalho, que pode chegar à ‘banalização do risco’, da vida, da condição humana (MENEZES, 2010).

“Um outro funcionário meu que foi usar a faca pra cortar um repolho e cortou a ponta do dedo, inclusive caiu no chão a ponta, aí eu deixei umas pessoas que estavam lá, amigos meus a tomar conta da banca e fui levar ele no UAI.” (Feirante 1)

“Uai, então, se for pra dar acidente, né, só se a banca cair. Não tem outra. Então, nunca vi não, só se cortar né, alguma coisa assim. Só tem que prestar atenção, né, no que tá fazendo.” (Feirante 3)

“O único perigo que tem é que não pode ir de chinelo, porque é perigoso cair alguma caixa, cair alguma faca no pé. Só isso. Tem que ir de tênis e calça e a camiseta da feira.” (Feirante 4)

“Ah, teve o menino do pastel também, que tropeçou no fio e caiu dentro do tacho de óleo, a mão no óleo quente.” (Feirante 5)

“Agora além da sinusite tem a tendinite, que eu fui tem um ano mais ou menos ao medico, e ele falou que eu tava com inicio de tendinite. E pra curar não é fácil não, eu preciso de uns dois, três meses de repouso.” (Feirante 1)

CONCLUSÃO

Este trabalho teve o objetivo geral de investigar como a abordagem psicanalítica freudiana poderia colaborar no estudo da saúde dos trabalhadores das feiras livres em Uberlândia-MG; e em consequência disso, examinar os processos e as condições de trabalho que oferecem riscos à saúde dos trabalhadores destas feiras, a partir da análise da organização do processo produtivo do grupo de atividade hortifrúti e, em especial, procurou-se pesquisar os modos de subjetivação presentes no contexto das relações cotidianas destas feiras, buscando articulações entre a organização do trabalho e as vivências de prazer e de sofrimento dos trabalhadores nestas atividades.

Para levar a cabo esta proposta, trabalhamos nas interfaces da psicanálise com a saúde do trabalhador, priorizando a dimensão de extensão do método psicanalítico na abordagem de fenômenos sociais. O material teórico obtido foi submetido análise de conteúdo por meio de estudo comparativo de textos psicanalíticos, e do campo da saúde do trabalhador, relativos ao objeto recortado para investigação, assim como o material selecionado das observações participantes e das entrevistas com os trabalhadores das feiras, foram submetidos à análise de discurso. Este conjunto foi remetido às questões iniciais da pesquisa e mostraram os seguintes resultados.

Sobre o trabalho como peça fundamental para a construção da identidade do sujeito, a feira na vida do trabalhador, além de ser fonte de sustento e renda para a família, é também parte deles mesmos. Muitos dizem que só sairiam de lá por motivos de saúde ou incapacidade de continuar o trabalho. Nesse sentido, podemos dizer que o trabalho ocupa lugar central na vida do feirante, propiciando não só a sobrevivência, mas também um lugar na cena social, assim como é fonte de prazer.

A análise do processo produtivo demonstrou que o trabalhador feirante está exposto a riscos físicos, biomecânicos, biológicos e de acidentes no trabalho. Há carga excessiva de peso, movimentos repetitivos, exposição as intempéries e agentes biológicos e todos

agravados pela longa jornada de trabalho e curto tempo na preparação do produto e de sua reposição concomitantes ao atendimento ao cliente. Soma-se a isso a questão da ‘naturalização’ do risco no ambiente de trabalho, tendo em vista que o processo de risco à saúde do trabalhador parece se transformar em prática cotidiana: o feirante não reconhece o risco presente nas suas atividades cotidianas, o que pode configurar uma espécie de ‘banalização do risco’, cujos efeitos podem chegar a banalização da vida, da condição humana. No Brasil pode ser compreendida como um dos efeitos da precarização do trabalho (MENEZES, 2010).

Com relação aos aspectos da subjetividade, nas expressões corporais e nas falas dos trabalhadores, pudemos perceber o quão prazeroso se torna o trabalhar na feira para aqueles que entram no ramo, como ilustra a seguinte fala do trabalhador: “Quem bebe água da feira não sai mais não, até morrer!”. Nesse sentido, o confronto entre a organização do trabalho e a organização da personalidade, ou seja, a relação psíquica do trabalhador com a situação de trabalho (DEJOURS, 2004b), demonstra que o prazer no trabalho parece se sobrepôr a qualquer tipo de sofrimento que o trabalhador possa ter proveniente do trabalho, revelando o ‘sofrimento criativo’ do trabalhador (como destino saudável para o sofrimento psíquico) em detrimento do ‘sofrimento patológico’ e, em consequência disso, afirma o trabalho na feira como fonte de saúde.

Sobre a questão da ‘formalidade’ ou ‘informalidade’ do trabalho na feira, lembremos que Cacciamali (2000) considera o ‘setor formal’ como unidades produtivas organizadas e ‘setor informal’ como não organizadas, ou que são realizadas por conta própria. Por este panorama, compreendemos que há uma ambivalência na feira-livre: ao mesmo tempo em que ela se organiza enquanto evento tradicional com regras de funcionamento e fiscalização da prefeitura – de modo que ela é registrada e reconhecida no município –, ela conta com o trabalho autônomo e independente dos feirantes, que organizam sua própria jornada de trabalho.

A partir disso, considera-se o trabalho na feira como formal ou informal? Por estar situada no circuito inferior da economia, por ser um comércio de pequena escala, de trabalho intensivo, tende-se a colocá-la no rol da informalidade. Apesar de, na cidade de Uberlândia, ter legislação rigorosa para seu funcionamento – mesmo que com pouca fiscalização – e também estar listada na Classificação Brasileira de Ocupações, ainda mantém características informais, como a não assinatura de carteira de trabalho, a autonomia do trabalhador, o acesso escasso aos direitos trabalhistas, como por exemplo, a regulamentação de trabalhos a céu

aberto, que exige normas de segurança não seguidas e, por vezes, desconhecidas pelos feirantes.

As características do trabalho na feira vão revelando a invisibilidade social e a deslegitimação desta ocupação. A escassez de material científico revelada no levantamento bibliográfico no início da pesquisa, já nos dava indícios do que poderíamos encontrar. Dessa forma, é essencial que novas produções teóricas continuem dando voz a esta classe trabalhadora, principalmente, em relação aos aspectos que começaram a ser destrinchados nesta pesquisa, como a falta de segurança no trabalho, a exposição a uma jornada intensa de trabalho, a pouca informação veiculada sobre os riscos aos quais estão submetidos, e, em especial, ao aspecto da naturalização do risco no ambiente de trabalho. Dessa maneira, a feira livre, antes de ser tradição, é movimento da economia, é geração de emprego, é lugar, muitas vezes, de promoção de saúde, devendo ser cuidada com olhos mais atentos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M.G.C. Subjetividade, crise e narratividade. *Rev. Mal-estar e Subjetividade*, v. 2, n. 1, p. 79-91, Fortaleza, mar. 2002.
- BAUMAN, Z. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BATISTA, J.. *A Evolução da Economia: Uma Abordagem Histórica Sobre Os Principais Modelos, Teorias E Pensadores*. Renefara, 2, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.fara.edu.br/sipe/index.php/renefara/article/view/68>>. Acesso em: 01 julho 2014.
- BLEGER, J. *Temas de Psicologia: Entrevista e grupos*. São Paulo: Martins Fontes, 1980, 113p.
- BRASIL. Ministério do Trabalho. *Classificação Brasileira de Ocupações*. Brasília, 2002. Disponível em: <<http://www.mtebo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf;jsessionid=uEJL5qYiRKS2qlmOWim2D17f.slave14:mte-231-cbo-01>> Acesso em: 08 de junho de 2014.
- CACCIAMALI, M. C. Globalização e processo de informalidade. *Rev. Economia e Sociedade*, n. 14, Campinas, Unicamp, Jun./2000.
- CANGUILHEM, G. (1966) *O normal e o patológico*. São Paulo: Forense Universitária, 2009.
- COSTA, F. D. et al. *Programa de saúde dos trabalhadores. A experiência da Zona Norte: uma alternativa em saúde pública*. São Paulo: Hucitec, 1989.
- DEJOURS, C. *Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Brasília: Paralelo 15, 2004a, 346 p.
- DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, vol. 14, n. 3, p. 27-34, Set./Dez. 2004b.
- DEJOURS, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: *O indivíduo na organização – dimensões esquecidas*, 3 edição, São Paulo: Atlas S.A., p.149-174, 1996.
- FÉDIDA, P.; LACOSTE, P. “Psicopatologia/Metapsicologia. A função dos pontos de vista”, *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol. 1, n. 2, julho de 1998, p. 1-26.
- FEIJO, C.A., SILVA, D.B.N., SOUZA, A.C. Quão heterogêneo é o setor informal brasileiro? Uma proposta de classificação de atividades baseada na Ecinf, *Rev. de Economia Contemporânea*, vol. 13, n. 2, Rio de Janeiro, 2009.
- FREUD, S. (1901) Psicopatologia da vida cotidiana. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.6 1980.
- _____ (1908) Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.9, p.187-211.

_____ (1910) Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.11, 1980, p.53-124.

_____ (1913) Totem e tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.13, 1980, p.13-191.

_____ (1914) O Moisés de Michelangelo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro Imago, v.14, 1980, p.249-79.

_____ (1921) Psicologia de grupo e análise do ego. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago,v.18, 1980, p.89-179.

_____ (1923) Dois verbetes de enciclopédia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.18, 1980, p.285- 312.

_____ (1926) Inibições, sintomas e angústia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. 20, 1980, p.107-210.

_____ (1927) O futuro de uma Ilusão. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. 21, 1980, p.13 -71.

_____ (1930) O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. 21, 1980, p.75-177.

_____ (1939[1934-1938]) Moisés e o monoteísmo In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.23, p.16-168

GUIMARÃES, C.A. *A feira livre na celebração da cultura popular*, São Paulo, 2010. Disponível em <<http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/blacc/article/viewFile/140/174>>

GUIMARÃES, A. Z. Treinando a observação participante. In: *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1980, p.77-86.

KREIN, J. D.; WEISHAUPT PRONI, M. *Economia informal: aspectos conceituais e teóricos. Escritório da OIT no Brasil*, Brasília: OIT, 2010. (Série Trabalho Decente no Brasil; Documento de trabalho n.4).

LAURELL, A. C.; NORIEGA, M. *Processo de Produção e saúde: trabalho e desgaste operário*. São Paulo: Editora Hucitec, 1989, 333p.

MENDES, R.; DIAS, E. C. *Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador*. In: *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 25, n.5, p. 341-9, 1991.

MENEZES, L.S. *Um olhar psicanalítico sobre a precarização do trabalho: Desamparo, pulsão de domínio e servidão*. São Paulo, 2010, 232p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

MENEZES, L.S. *Psicanálise e saúde do trabalhador: nos rastros da precarização do trabalho*. São Paulo: Primavera editorial, 2012, 210p.

NORONHA, E. G. “Informal”, ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 18, n. 53, pp. 111-129, São Paulo, out./2003.

NOUROUDINE, A. Como conhecer o trabalho quando o trabalho não é mais o trabalho?, *Rev. Trabalho, Educação e Saúde (online)*, vol. 09, supl. 01, Rio de Janeiro, 2011.

OLIVEIRA, E. L. de. Circuito inferior da economia urbana e mídia impressa em Londrina/PR. In: *Encontro Nacional de Geógrafos: Crise, práxis e autonomia: espaços de resistências e de esperanças*, 16., Porto Alegre. Anais, 2010.

PIRENNE, H. *As Cidades da Idade Média*. Trad. Port. Lisboa: Europa-América, 1973, 176p.

PREFEITURA DE UBERLÂNDIA. Feiras Livres. Disponível em <www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=Conteudo&id=94> Acesso em 02 de julho 2014.

ROCKWELL, E. *La experiencia etnográfica: Historia y cultura em los procesos educativos*. Buenos Aires: Paidós, 2009, 224p.

ROSA. M. D. A.; DOMINGUES, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. In: *Psicologia & Sociedade*; 22 (1): 180-188, 2010.

SANTOS, E. T. dos; MACHADO, L. C.; CLEPS, G. D. G. Feiras Livres Em Uberlândia (MG): Uma Abordagem Histórica, Espacial e Cultural. *Revista Geográfica de América Central*, Costa Rica. Número Especial. Pp. 1-13. 2011.

SANTOS, M. *Os dois circuitos da Economia Urbana e suas implicações espaciais/ Milton Santos – São Paulo: EDUSP, 2008.*

SATO, L.. *Feira Livre: Organização, Trabalho e Sociabilidade / Leny Sato – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.*

SATO, L.; SOUZA, M. P. R. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. *Psicologia USP [online]*, São Paulo, v.12, n. 2, p.29-47, 2001. Disponível em: [HTTP://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642001200003](http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642001200003). Acesso em: 23 de maio de 2012.

SILVA, M.A. BIEHL, K. Trabalho na pós-modernidade: crenças e concepções. *Rev. Mal-estar e Subjetividade*, v. 6, n. 2, p. 518-524, Fortaleza, set. 2006.

VEDANA, V. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. *Rev. Horizontes Antropológicos*, v. 19, n. 39, p. 41-68, Porto Alegre, jan./jun. 2013.